

RISCO

MUNDIAL

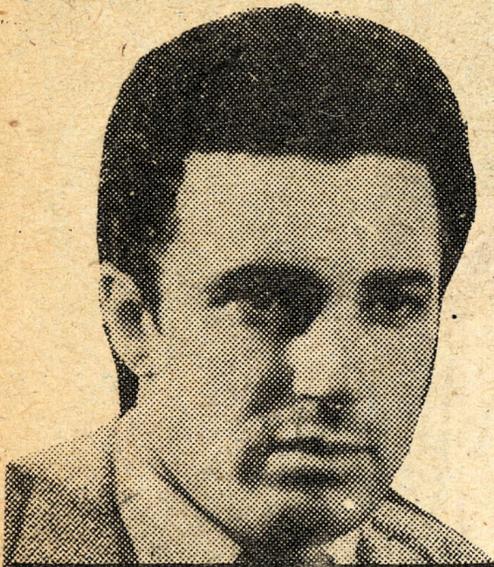
1Esc.



UMA BOA
DEFESA

Director (interino) e proprietário: Jerónimo Pinteus de Sousa
 Editor (interino): José Roussado Pinto
 Redactor Principal: Fernando dos Santos (Santos Fernando)
 Redacção e Administração: Rua de Sant'Ana á Lapa, 15
 Composição e impressão: Edições «O Mosquito», Lda.
 Distribuidor geral: Editorial Organizações, Lda., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Telefone 27507 — LISBOA

Falsas biografias



Filho do inventor do doce de Teixeira —, seu pai foi o fundador da fábrica do doce deste nome.

Virgílio nasceu no ano de 1870. Aos dois meses perdeu a sua terra natal em consequência de um vulcão. Do vulcão que lavrou no sensível coração da sua mulher á dias, que não hesitou em o raptar, levando-o para a África Equatorial, longe dos seus brinquedos e dos seus punlais. Apenas contava doze anos — pois sempre fôra uma negação para as matemáticas — quando, já farto de que as negras o obsequiassem dizendo-lhe que era uma criança tonta, comprou um barco a prestações semanais e chegou a Lisboa á força de remos.

Desamparado e sujo, vendendo jornais e apanhando pontas de cigarros, foi esta a época mais feliz de Virgílio, mas a ambição perdeu-o. Quis ganhar mais dinheiro e entrou então como marçano para uma mercearia. Era um belo moçetão com dezoito Abris. Todas as criadas de Lisboa, com o pretexto de comprarem arroz, chocolate ou bacalhau, iam á

mercearia para admirarem o seu farto bigode, os seus lindos olhos, as suas orelhas sempre brilhantes á força de manteiga de cacau. Virgílio trabalhava muito, porque, em lugar de levarem os comestíveis por quilos, apenas os levavam ás cem gramas, com o intuito de lá voltarem passados dois minutos, para comprarem outra vez e poderem assim contemplá-lo sempre.

Mas o poder sedutor de Virgílio estendia-se a todas as esferas sociais. As criadas seguiram-se rápidamente as patroas, que corriam a comprar latas de conservas, pacotes de massas, frascos de doce e de mostarda. Virgílio não descansava. Subia escadas e baixava ás caves, esgotava as mercadorias...

E ao chegar a casa, agonizado, fatigado, encontrava sempre visitas femininas que, com o pretexto de um engano no troco, davam-lhe cinco ou dez escudos, enquanto observavam seus olhos, seu nariz, a sua boca...

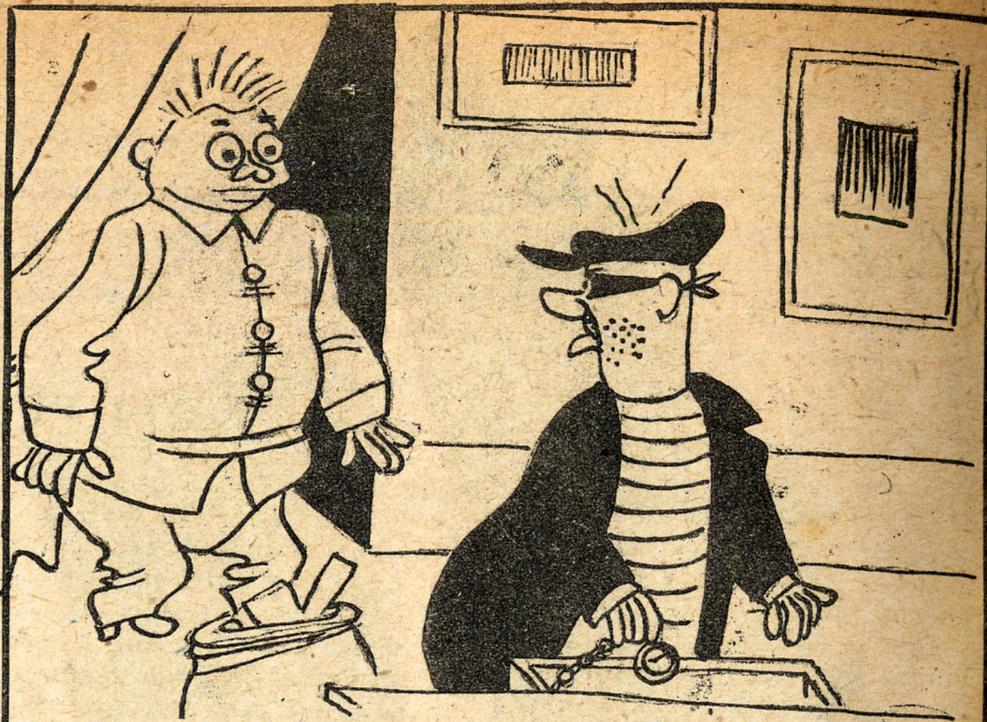
Cheio de vaidade, Virgílio foi a Londres. Ali, 254 milhões pediram a sua mão. astuto e esperto, escolheu a que tinha mais milhões, mas a mais milionária resultou ser também a mais ciumenta.

Encerrou-o num remoto castelo e todas as manhãs dava-lhe pancadas com um martelo na tibia esquerda, para que ficasse coxo e não lhe pudessem escapar.

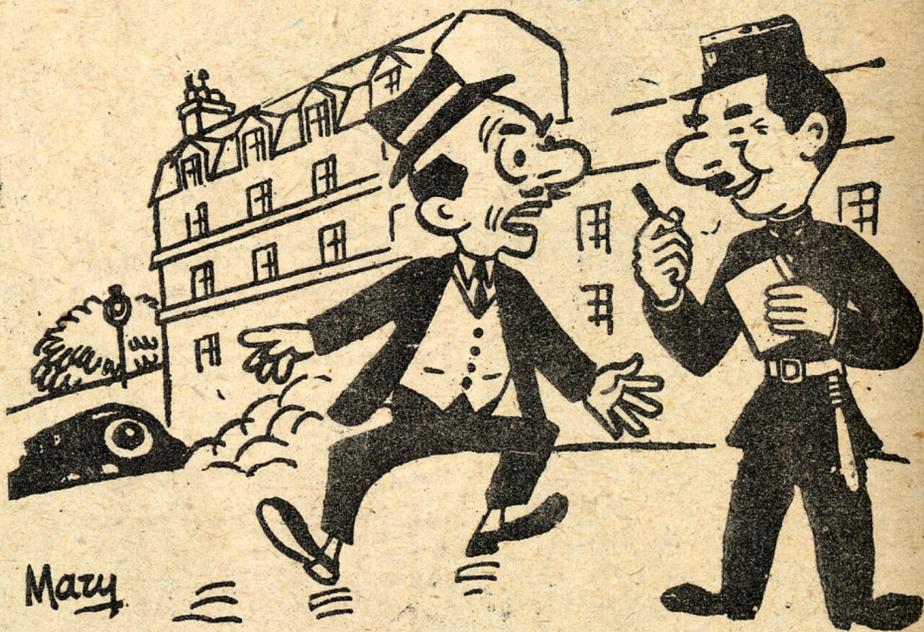
Em 1930 ficou viuvo e arruinado. Que fazer? Com sessenta anos, quatro filhos, seis rebuçados e quinze escudos nas suas leves algibeiras. Virgílio — que era ainda guapo — não podia enganar as mulheres exibindo-se á luz do sol. Foi então que se refugiou no cinema. Com a maquilhagem, os truques da camara e uma hábil propaganda Virgílio Teixeira conseguiu na actualidade, aos sessenta e sete anos, ser o galã preferido das damas. Recebe três milhões e quatrocentas mil cartas diárias e o seu guarda-roupa tem actualmente mil quinhentos e quarenta modelos distintos.

Mede um metro e cinquenta e sete e usa roupa interior de lã, modelo doutor Rasurel.

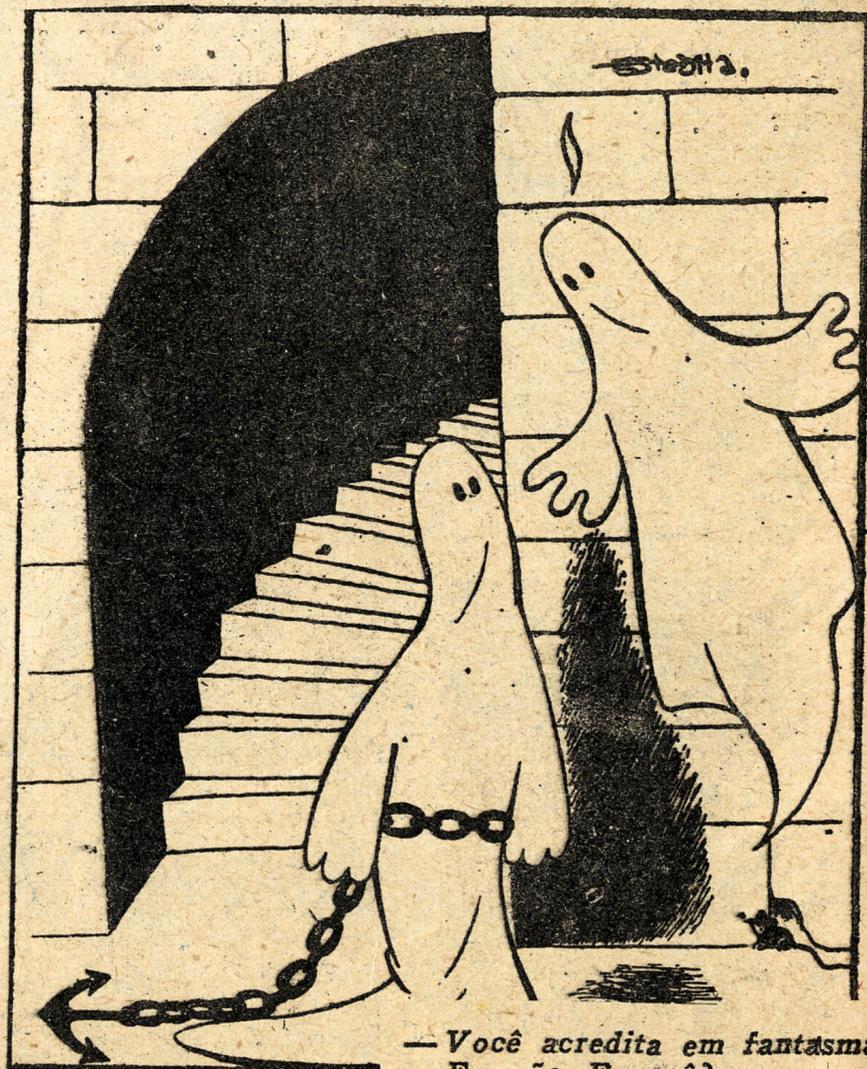
MÁRIO NORTON



— Você não se importa de cá voltar amanhã? Sabe é que eu ainda não paguei o seguro!



— Acabam de me roubar o meu automóvel.
 — Não se apoquente!... Eu tirei-lhe o numero.



— Você acredita em fantasmas?
 — Eu, não. E você?
 — Também não!!

BREVEMENTE
 MAIS UM
 NUMERO ESPECIAL
 MAS COM
 44 PAGINAS

O DINHEIRO

Por SANTOS FERNANDO

MUITOS filósofos não acreditam no dinheiro e, muito embora apelidem de «essencialmente materialistas» aqueles que não podem passar sem ele, também contraem bastantes dívidas.

Quanto a mim, afirmo categoricamente que detesto o dinheiro. Desde que os Fenícios o inventaram, a Humanidade começou a sofrer os seus maléficis efeitos.

Dinheiro! Eis uma palavra vulgar que, em cada idioma, se escreve duma maneira diferente mas que, em ambas as partes do mundo, serve para o mesmo fim.

Entre nós, Portugueses, o dinheiro tem sinónimos que nunca mais acabam: *bago, cheta, paus, massa, tinta, burros, caraminguás, «aquilo com que se compram os melões», etc., etc.*

É tão vil, o dinheiro, como o leitor vê, que chega a deturpar a língua e a influenciar no calão.

Por que não se desprezar este metal redondo, que rodopia como um carrocel e foge como uma enguia?

Com o dinheiro se embelezou o mundo, criando fábricas, escolas, e prédios de 100 andares; com o dinheiro se construíram «dancings», estádios, cinemas e casas mortuárias. Mas, também foi com o dinheiro que se fizeram os aviões e a bomba atômica, para destruir tudo o que foi construído.

Bonito, muito bonito, o dinheiro, não há duvida. Não há dia nenhum que não pense nisto! Como são apetitosas essas notas — manancial de nódoas, aeródromo de micróbios, a cheirar a manteiga, a queijo flamengo, a substâncias putridas!

Oh, como eu detesto este pedaço de papel que não passa de algumas moléculas gramas de gordura e com o qual, daqui a pouco, comerei um bife!

Sim, estimados leitores, toda a gente gosta de dinheiro, excepto eu, que o desprezo, o

detesto, o atiro pela janela quando me chega às mãos.

Por causa dele, a mulher tornou-se fútil, pretensiosa colaboradora das mais modernas pelarias, pastelarias, ourivesarias. Por ele a mulher trocou o amor que, infelizmente, aumenta ou diminui, conforme a subida ou a descida do crédito de seu marido.

Hoje as crianças nascem já com a palavra «dinheiro» encaixilhada no pequeno cérebro. E não faltará muito para que, em vez de pedirem mama, comecem por requerer autoritariamente:

— Papá: dê-me 100 «dele», para ir beber uns «whiskies» com umas espanholas conhecidas.

Sim, que o dinheiro transforma a maioria das pessoas. Desde pequenas que as pessoas são assediadas pela ideia da carteira repleta.

Por ele se mata, se esfola, se rouba, se assalta, se estuda, se cria, se faz, se trabalha, se tiram olhos, se empurra, se geme, se vive.

Infelizmente a Humanidade tornou-se essencialmente materialista... A Humanidade menos eu!

Certa vez, um amigo meu, que dizia professar as minhas ideias, teve uma determinada conferência em qualquer casa de espectáculos que não recordo agora.

Falou durante quatro horas acerca da inutilidade do dinheiro e o mal que dele advinha. Disse da desvantagem do mesmo na civilização, demonstrando que os peixes e os pássaros viviam felizes porque não pagavam ao sapateiro nem ao alfaiate, nem ao senhório.

Os duzentos imbecis que estavam na sala — pensando que ele falava como um homem que despreza o dinheiro — ao saírem para a rua, despejaram os bolsos. Possivelmente nunca vieram a reparar ou a recordar que esse meu amigo levava um escudo por cada entrada, para lá dentro ele dizer que o dinheiro nada valia.

Cortei as relações com esse tratante e não estou arrependido. Mantenho o meu ideal no que respeita ao vil metal. Detesto-o, abomino-o e passo bem sem ele. Como são infelizes os que acham que precisam dele!

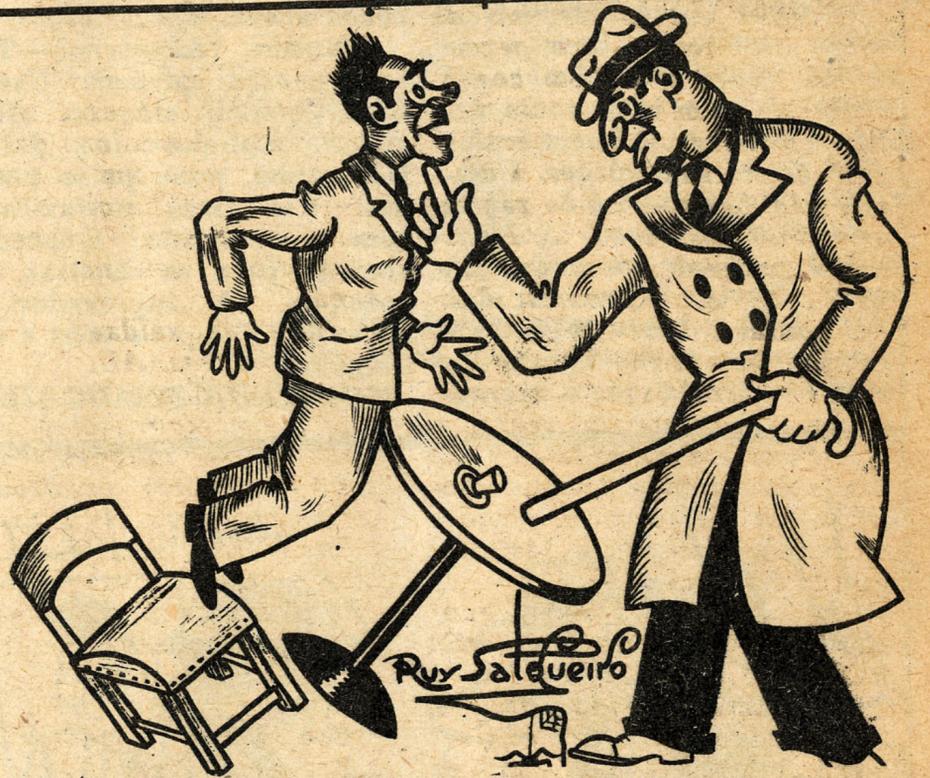
Dinheiro! Dinheiro para quê? Para furar os bolsos ou para isca dos ladrões?!...

O leitor, por acaso, não me poderia emprestar quinhentos escudos, até amanhã?... É que o maroto do Director não me quer pagar este artigo e eu preciso de dinheiro...

Caricatura Semana



CARMENCITA AUBERT
Vista por Mário Norton
(Reprodução proibida)



— O senhor lembra-se de uma discussão que tivemos onde eu lhe jurei partir a cara a murro?



ÚNICA SALVAÇÃO



— Mas que diabo fazes tu aí com um barco em volta do pescoço?...

SÓ PARA SENHORAS...

Consultório de Beleza

Diariamente chegam à nossa Redacção cartas, de toda a parte do país e de outras partes, enviadas por senhoras respeitadas, de alto e baixo nível, fazendo perguntas, pedindo conselhos sobre beleza, etc.

A seguir damos resposta a algumas das supracitadas consultas.

Flor de Liz (Leiria) — Lamenta-se V. Ex.^a que tem imensas sardas e não sabe como ver-se livre delas.

De facto, são muito aborrecidas essas pequeninas manchas, sobretudo numa cara laroca.

Como, V. Ex.^a tem pressa, pois está em vésperas de se casar, o melhor que tem a fazer é comer as sardas cozidas com batatas. Experimente e verá como vai ficar satisfeita.

E não se esqueça das rodelinhas de cebola...

Uma que não quer envelhecer (Ancião) — Effectivamente, os pés de galinha são muito antipáticos. Porque não os manda cortar? O pior é que, depois, a galinha não pode coçar o piolhinho...

Luizinha (Alcochete) — Não, minha senhora. Escusa de perder tempo com duches. O melhor é empregar enchumaços de algodão. O busto é uma coisa muito melindrosa. Principalmente, quando é de gesso.

Natalina Matoso (Pena-guião) — Com um pouco do nosso creme rejuvenescedor «Arco Iris», o rosto de V. Ex.^a ficará como novo. Temos de todas as cores, desde o branco

sujo (o mais usado), ao rosa pálido (para meninas sonhadoras). Custa somente 500\$00, o boião de tamanho médio. Dos grandes, só de encomenda e pagamento adiantado.

Nhónhó (Boticas) — Sabemos muito bem como isso se arranja. Mande 2\$50 em selos usados, que logo lhe damos a resposta na volta do correio.

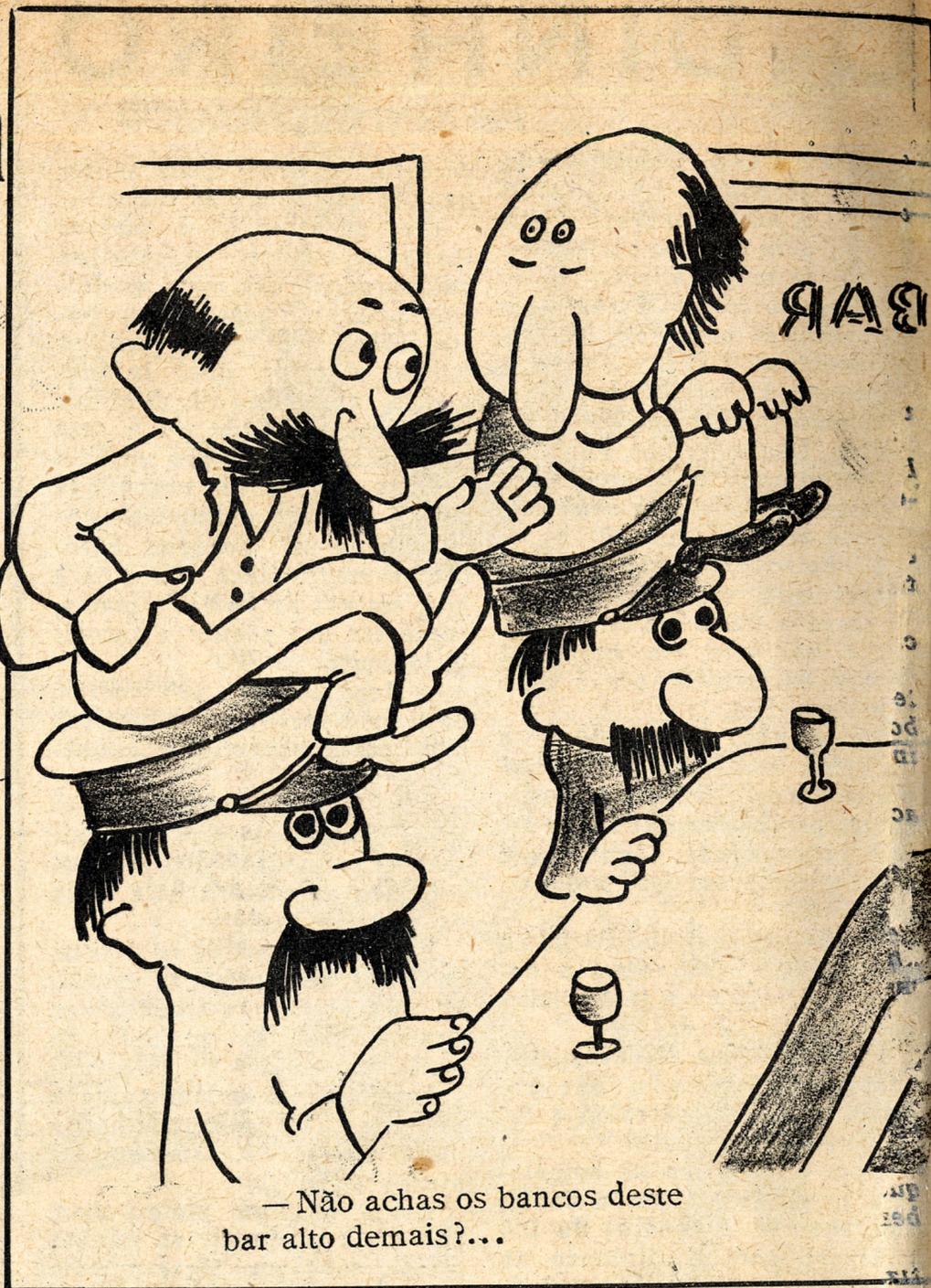
Rita Baleia (Tavira) — Venha imediatamente para Lisboa e suba, a pé, umas seis vezes por dia a Calçada da Glória, e verá como depressa emagrece.

Uma romântica (Lisboa) — Não pense nisso. O seu namorado acabará por pedir bata-tinhas. Quanto ao buço, arranje um barbeiro de confiança que vá lá a casa. Depressa lhe rapa a penugem.

M. H. V. (Arraiolos) — Experimente o nosso verniz oftalmológico «Olho Vivo». Com meia duzia de gotas, vai ficar com os olhos tão brilhantes como os faróis dos automóveis. Só com uma pequenina diferença: é que os carros também têm a lanterna da cauda acesa.

Clarinha (Almeirim) — Tem as pestanas curtas? Use o nosso tónico elástico «Hércules». Aplique-o ao deitar. De manhã, puxe pelas pestanas. Vai ficar maravilhada com o resultado. Quanto à pomada para as olheiras, esgotou-se. O engraxador da nossa rua comprou toda a que tínhamos.

MONSIEUR BEAUCAIRE

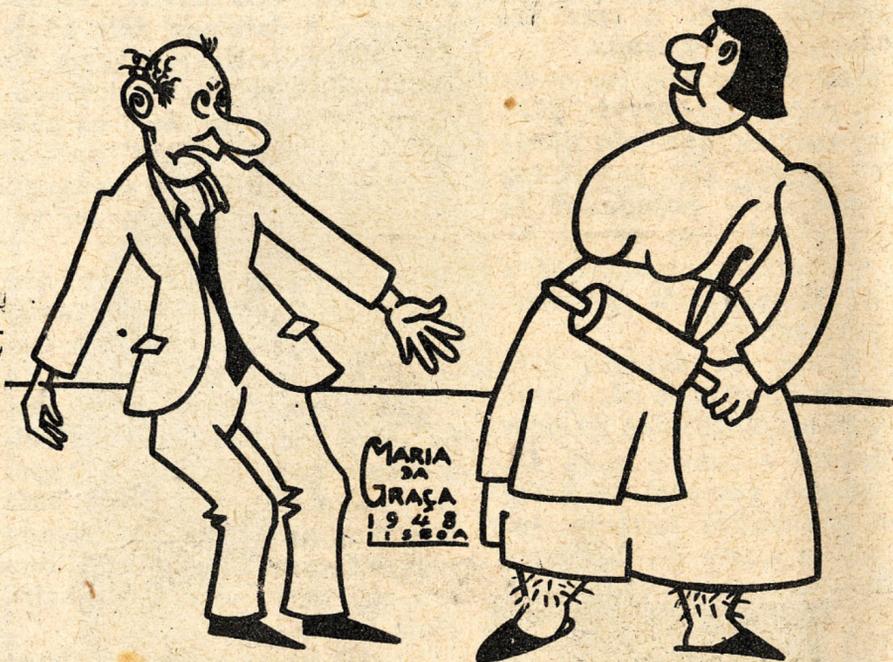


— Não achas os bancos deste bar alto demais?...



OBEY

— Você ultimamente tem lido alguns livros de amor.



— Seu palerma, quem foi que lhe disse que a mulher é coisa fraca?

— Perdão minha querida... Eu não fui, tu bem sabes.

ASSINE O MELHOR JORNAL HUMORISTICO
RISO MUNDIAL
12 NUMEROS — 12\$00 * 24 NUMEROS — 24\$00
PEDIDOS PARA A REDACÇÃO

INCÊNDIO

— Foi daqui que avisaram que havia incêndio?

— E' aqui nesta casa ás suas ordens, sim, senhor bombeiro.

— Por muitos anos.

— E o senhor que veja.

— Diga-me, se não se importa, como é que começou a coisa.

— Como começam todas estas coisas,

— Não obstante, se o senhor bombeiro me permite, dar-lhe-ei alguns pormenores.

— Com muito gosto. Precisamente neste momento não tenho nada que fazer.

— Rogo-lhe que aceite um cigarro.

— Agradeço-lhe sinceramente, mas não é permitido, aos bombeiros, fumar durante os incêndios.

— E' uma precaução muito acertada.

— Pode, não obstante, começar o seu relato.

— Pois bem, senhor bombeiro, eu costumava ter sempre um bidão de gasolina junto da mesa de cabeceira.

— Vê-se que o senhor é um homem precavido.

— Não me fica bem dizê-lo, mas eu gosto de fazer as coisas como devem ser.

— Reconheço, caro senhor, que fez um incêndio muito bem feito.

— Pois asseguro-lhe que o fiz despropositadamente.

— Vejo que o senhor é bastante modesto.

— Não, não; asseguro-lhe que, quando atirei o cigarro para lá, não sabia que tinha derretido gasolina.

— E' que uma pessoa não pode estar em toda a parte, para ver tudo.

— Isso é uma grande ver-

dade: eu não podia estar na cama e no bidão de gasolina ao mesmo tempo.

— E nos bidões de gasolina não se disfruta de nenhuma comodidade.

— E' o que eu digo. Por fim, dá-se o caso que tomei a liberdade de o molestar, senhor bombeiro.

— Não molesta nada, caro senhor: somos bombeiros para isso mesmo.

— O que pensa o senhor do meu incêndio?

— Não é muito violento; no entanto, as chamas andam perto de nós.

— Vê-se que o senhor tem uma grande prática de incêndios, senhor bombeiro.

— Lembre-se que me criei entre eles.

— Aconselho-o a que corra, um pouco, o reposteiro. As chamas começam a lamber a porta.

— Vai já. O que mais me aborrece das chamas é a sua afeição por lamberem tudo o que vêem.

— Certíssimo. Minha mulher deixou um maço de notas na cozinha e as chamas lambeiram-nas todas.

— E onde está a sua senhora?

— Deixei-a na cama. Ela tem um sono muito pesado.

— Se me dá licença, vou começar a apagar o fogo.

— O senhor é muito amável!

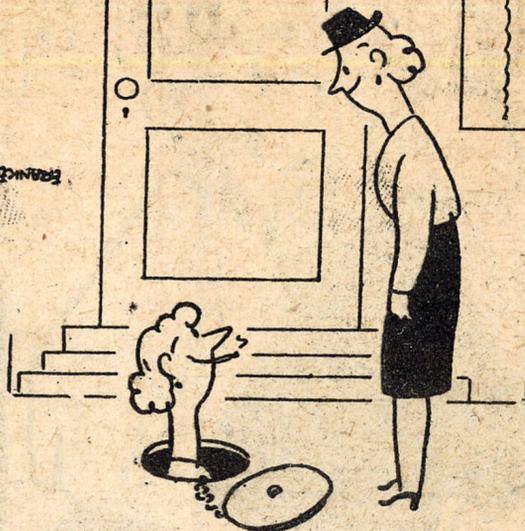
— Quer que se salve alguma coisa?

— Agradecia que me salvasse esta prateleira que é dos meus antepassados!

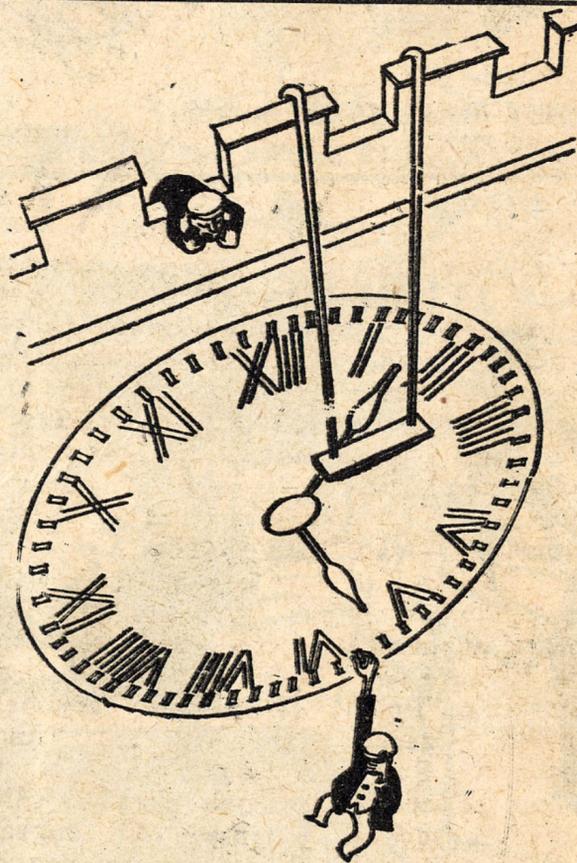
— Com muito gosto. Vou pô-la em lugar seguro.

— Muito obrigado.

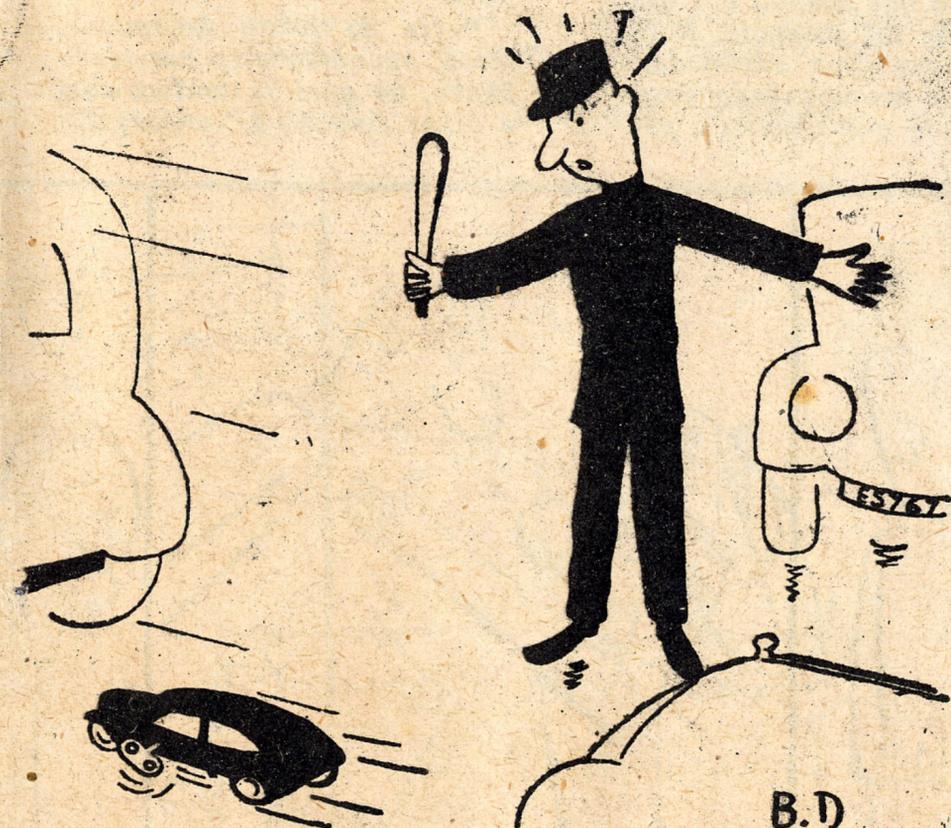
TINER



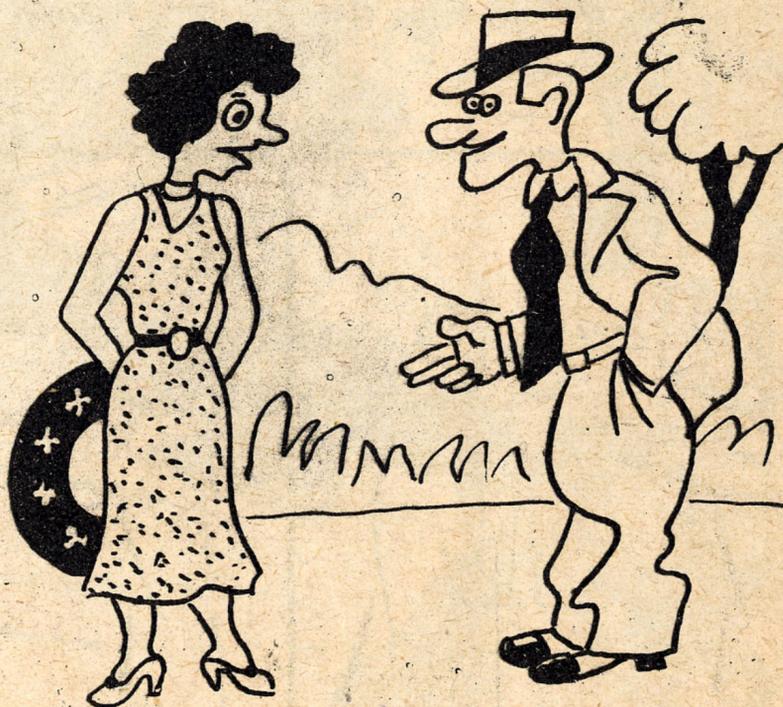
— Assim, apanho sempre o meu marido, quando entra tarde...



— Não te dependures nos ponteiros, olha que atrasas o relógio.

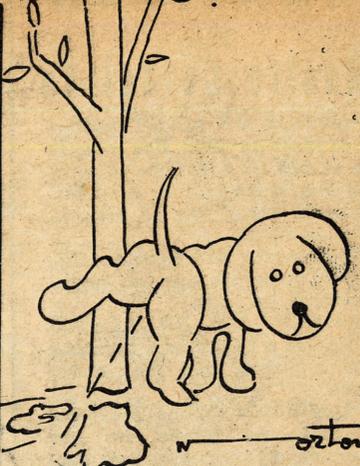
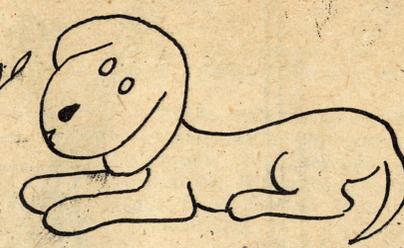
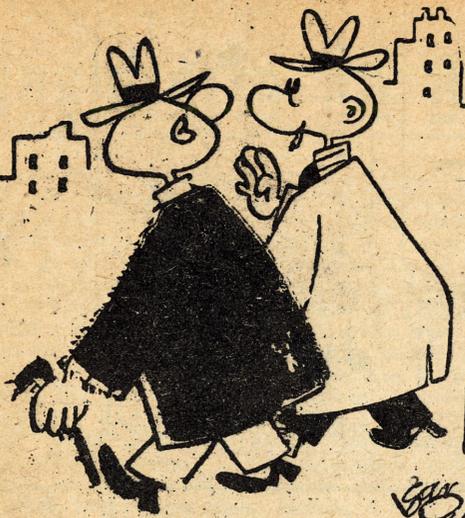


B.D



— O senhor conhece-me ha apenas três dias e já me pede em casamento!?

— Bem, mas eu conheço seu pai ha três anos! Ele tem uma conta corrente no banco onde trabalho...



O COBRADOR

Por PINTO SOARES

— Não achaste a festa aguada demais?
— Que querias tu?... Era a festa dos leiteiros...



Anacleto Matias é um velho rechonchudo, possuidor dumas faces muito escarlates — demonstração duma sincera amizade para com os copos... cheios de vinho.

Como antigo cobrador de certa casa comercial, Anacleto possui largos conhecimentos do que são capazes alguns clientes a quem apresenta, a odiosa continha. E, entre eles, há um que mais o atormenta, tal o desleixo e renúncia que mostra pelo pagamento. É o Fagundes Farusco, um sujeito magro e de aspecto doentio, morador numa viela da irrequieta e velha Mouraria.

Sempre que o desafortunado Anacleto sobe aquela escada íngreme e lúgubre, para bater á porta do 2.º andar, é sabido que nunca o atendem.

De início ainda se convenceu de que ninguém estava em casa, mas tantas vezes o caso se repetiu que acabou por desconfiar de tal ausência. E foi movido por uma curiosidade que o tem acompanhado desde tenra idade que chegou a per-

guntar aos vizinhos que seria feito do Fagundes. Alguns afirmaram tê-lo visto entrar momentos antes em casa e admiravam-se por ele não responder. Comprovavam-se assim as suas suspeitas. Que marau!

A atitude do Fagundes aborreceu-o profundamente e certo dia decidiu pôr termo a semelhante abuso. Tinha uma ideia e ia colocá-la em acção. Aquilo tinha de ter um fim. Era insuportável!

Assim, de novo subiu os degraus que inúmeras vezes pisara, para bem depressa voltar a pisá-los... em sentido inverso. Era agora que ia pôr o plano em prática. Chegado á rua, fingiu afastar-se, contornando a esquina, mas, voltando o quarteirão, voltou á rua, a abrigar-se numa taberna situada em frente da casa do Fagundes. Seu intento era certificar-se da presença do «invisível», tentar descortiná-lo.

Perto da porta da imunda tasca, encontrava-se um tóscobanco, no qual se sentou, com o olhar fixo no 2.º andar, não

que escapasse o fugitivo.

Depois de perto de três horas de vigília, olhar fixo e já cansado nas vidraças das janelas, suas pupilas pareceram enxergar um vulto de homem por detrás dos vidros. Esboçaram os olhos e como por milagre viu o Fagundes. Sim, ele entra o Fagundes! Não havia dúvida: Era o Fagundes, aquele Fagundes que ele já não obrigava havia meses... Malo reconheceu!...

Um pulo levantou-se, saiu da taberna e atravessou a rua, paravoltar a subir aquela escadartortuosa, abundantemente pjeada. Chegado ao 2.º andar— maldito 2.º andar!—, bateu á porta que quase lhe caíera já os nós dos dedos... Masbateu uma, duas, três vezes— e nada! Ninguém responde.

— Mas isto não pode ficar assim! — resmungava ele. — Temo de desabafar! Eu vi o Fagundes!

Estremeceu-se. Seu desejo era arrombar a porta a pontapé e caçar o fugitivo.

— Senhor Fagundes, eu sei

que está em casa! — bradou.

— Já o vi á janela! Abra a porta, por favor, e atenda-me!

Dentro, nada bulia. Um silêncio sepulcral reinava do outro lado.

Mas ele vira o Fagundes! Decerto não respondia por não querer. Por isso insistiu, bateu mais fortemente, gritou com mais timbre, com mais fúria:

— Senhor Fagundes, eu vi-o á janela! Eu vi-o á janela!

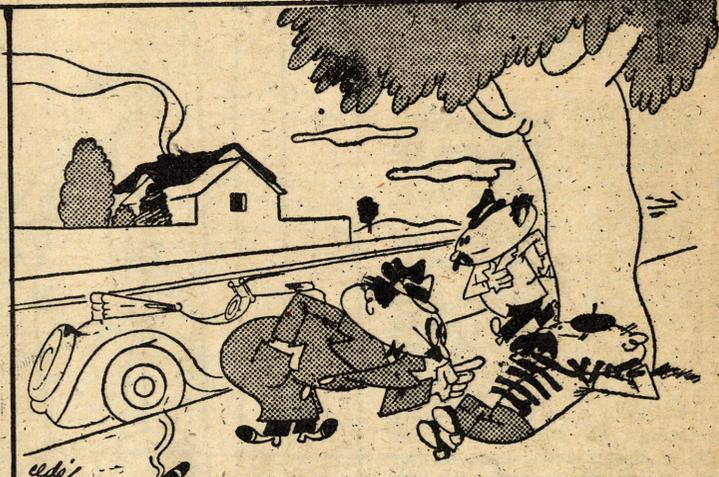
Súbito — milagre dos milagres! —, unça voz fraca, que mais parecia ser proveniente duma caverna, rompeu o silêncio interior:

— Viu? Não acredite. Isso foi miragem!

Anacleto desceu a escada, cabisbaixo e apreensivo. Aquela frase atordoaa-o de tal modo que ao descer a rua, com os olhos presos na calçada, esbarrando com os transeuntes como um barco sem governo, á mercê das ondas, murmurou:

— Sim, podia ter sido uma miragem. Foi miragem, não há dúvida!

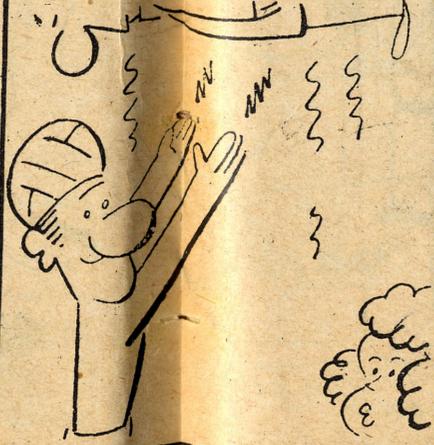
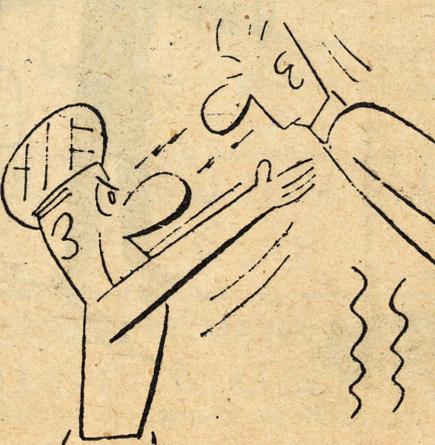
E afastou-se, convicto.



— E o senhor sabe guiar?
— Não.
— Pois então, faça o favor de me guardar o automóvel.



— Não se apresse minha senhora, o fogo ainda não passou do segundo andar.



RECEITAS DO Mestre Caldeirão

ARROZ DE MENTIRAS

Arranja-se uma boa porção de palões em forma de telegrama e mistura-se com a quantidade de arroz que se desejar. Vai ao forno.

Se o arroz não ficar corado, é porque mente com um descaramento ináudito!

SONHOS DE BACALHAU

Põe-se o bacalhau a dormir e daí a pouco, não lhes conto nada...

Que lindos sonhos ele tem! Julga-se no tempo em que custava oito vintens, sem barbatanas...

Mas, ao acordar, é que são elas!... Catorze escudos e quarenta centavos o quilo, com barbatanas...

E é um pau!

FIDALGOS DE BRAGA

Estes biscoitos são uma delícia e muito simples de fazer. Ora façam o favor de trazer um alguidar.

Muito bem. Arranja-se um ovo?... Optimo! Agora, separe-se a gema da clara.

A gema coloca-se num pires á parte, para depois se dar ao gato, e a clara deita-se com as galinhas, isto é, muito cedo, para dentro do alguidar, juntamente com um quilo de manteiga da Dinamarca, sem sal e sem marca, uma colher de vinho novo, duas de chá velho, uma pitada (que não se pode parar) de queijo ralado, umas raspas de limão e cinco pergaminhos do tempo dos Afonsinos.

Bate-se tudo com um pau de marmeleiro até a massa e as mãos ficarem com bolhas.

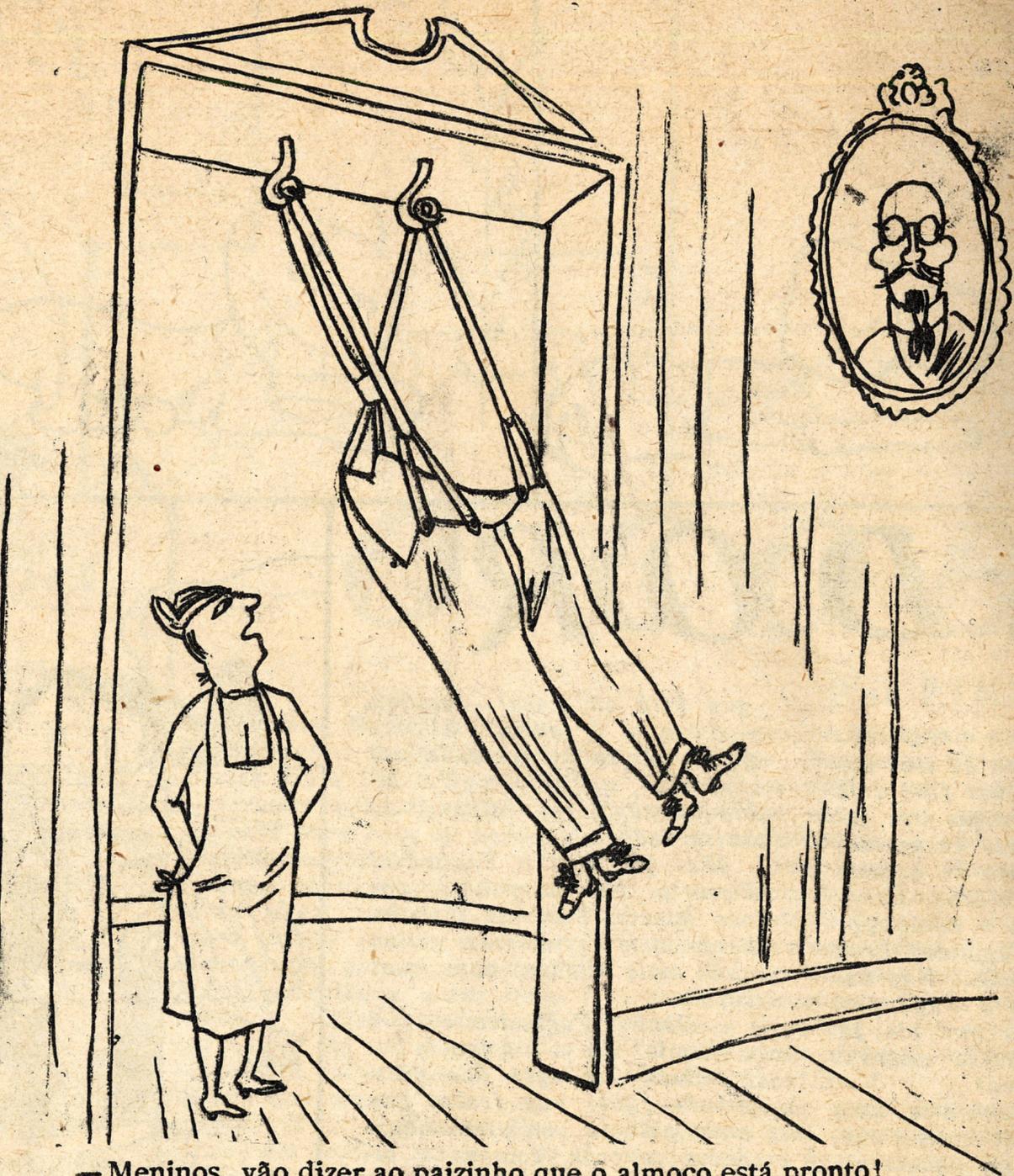
Em seguida envolvem-se os biscoitos numa linhagem muito limpa, não vão os fidalgos ficar melindrados.

No dia seguinte, entram no forno ás 9 e saem ás 19, com duas horas de intervalo.

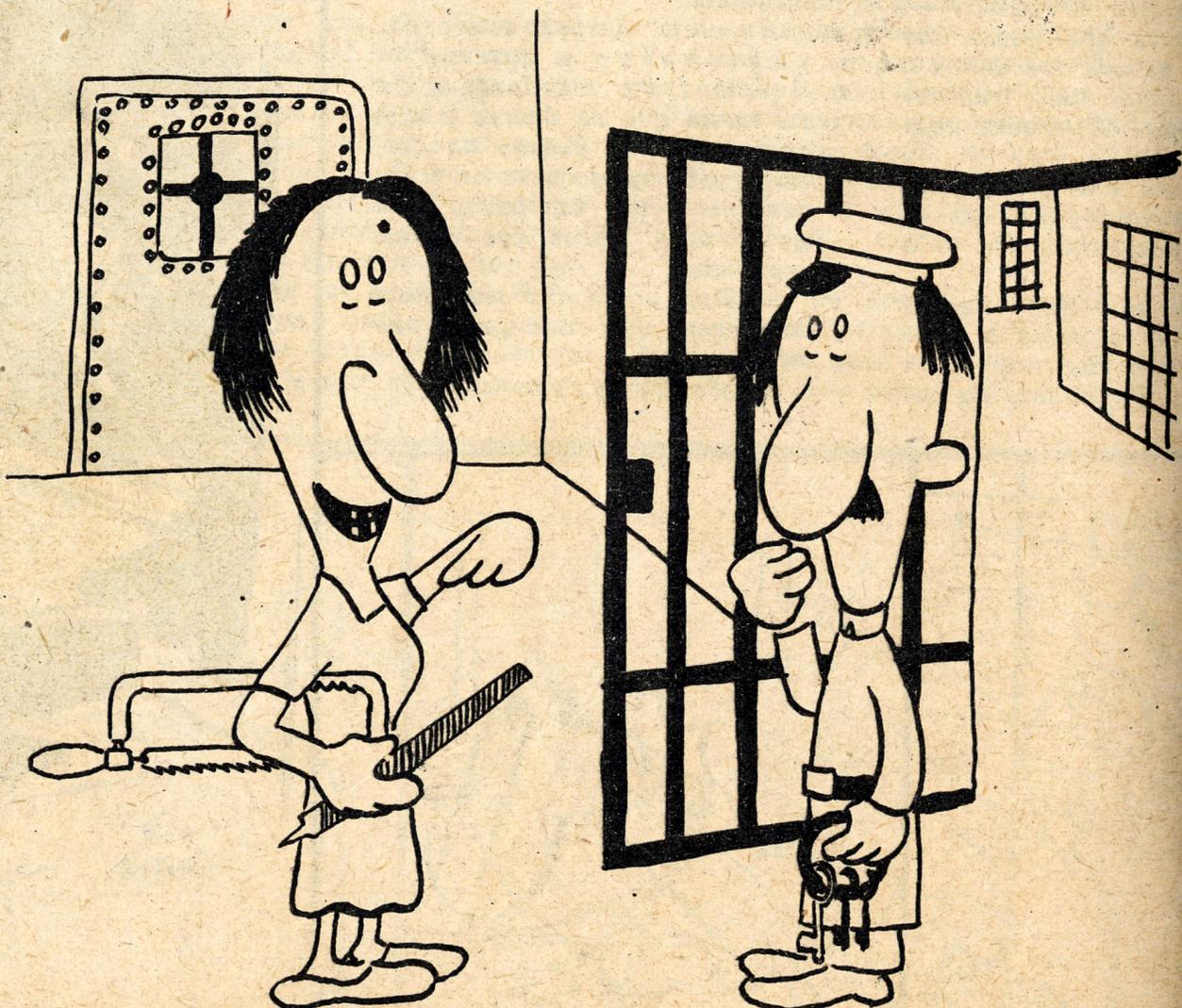
Finalmente, para se certificar se são de Braga, basta servir-se de um canudo.



— Bom dia, D. Otilia, a Companhia dos Telefones encarregou-me de perguntar a todos os clientes, se têm algumas reclamações a fazer.



— Meninos, vão dizer ao paizinho que o almoço está pronto!



— Eu sou a manicura que vem tratar das unhas do preso Filipe Gomes.

Opinão

RESERVADA

APONTAMENTOS DE CRÍTICA NAPOLEÃO



No dia 2 do corrente, pelas vinte e três horas, Rádio Continental transmitiu um disco, depois uma frase solta sobre beleza e, logo a seguir, uma locutora disse que as emissões directas vão ser remodeladas. Muito a-propósito um disco brasileiro abafou as palavras da locutora. Depois o disco desfaleceu a meio e foi substituído subitamente por um tango. Cortado este, a locutora deu a mesma informação, para, logo a seguir, descrever a «cena» da peça radiofónica «Direito de matar». E o que a R. C. transmitiu — senhores! — não tem classificação. Pedimos o direito de matar estes assassinos do éter!!!!

No mesmo dia 2, a Emissora Nacional apresentou um disco depois do sinal horário das 21, e só a seguir deu o noticiário. Mais cuidado, amigos, com a pontualidade. Quem dá as horas não pode andar fora de horas...

O Armando Miranda está farto de pensar na razão por que a Amália vai melhor no «Fado» do que nas «Capas Negras». Naturalmente é por causa de Lucília Simões ter ensaiado. Vieira Pinto argumentado, Vergílio Teixeira contracenado e... Perdígão Queiroga realizado.

A Maria da Graça a cantar o «Você tem açúcar...» na Rádio Tupy de S. Paulo faz pensar na «Variedades» das quartas-feiras, onde as meninas não têm graça, nem voz, nem talento, nem nada. Então, e o Centrol do Senhor Mota Pereira? Ou será que o Centrol está a dar bota?...

Vários autores desconhecidos (Almeida Amaral, Lourenço Rodrigues, etc), estão a escrever uma nova revista em moldes inéditos. O primeiro quadro passa-se numa romaria do Minho e alguns dos números do segundo acto são sensacionais: O polícia e a saloia, A menina das rifas, e o Bêbado.

Na locução do Rádio Clube Português estagia uma data de gente. Mas por que não substituem a quantidade pela qualidade? E' a Candida a hesitar, a Helena a imitar e o Santos a soletrar. Enfim, os meninos a brincar e os ouvintes a gramar...

Actualmente não há no Palladium nem boatos nem anedotas, nem novidades fresquinhas. A-propósito: O Baptista Rosa escreveu de Paris e diz que, naturalmente, antes de regressar a Lisboa, vai a Madrid ver o Portugal-Espa-

nhá. Ou ele não fosse bisbilhoteiro.

A «APA» apresentou um tenorzeco que dá pelo nome de Danilo e diz que sabe cantar, mas é mentira. Ora o que havia de lembrar aos Apenes... Antes a Maria Sidónio...

Então, afinal, quem é que vai realizar a «Mouraria»? O Campos, o Queiroga ou a Amália? Naturalmente acaba por ir o Santos Mendes, só para irritar...

A E. N. transmitiu «Estrelas de todo o Mundo», uma «realização» (sic) de Trabuco Alexandre. Quatro risquinhos, meia duzia de palavras, pó, cinza e nada. Batatas pr'ó Trabuco!

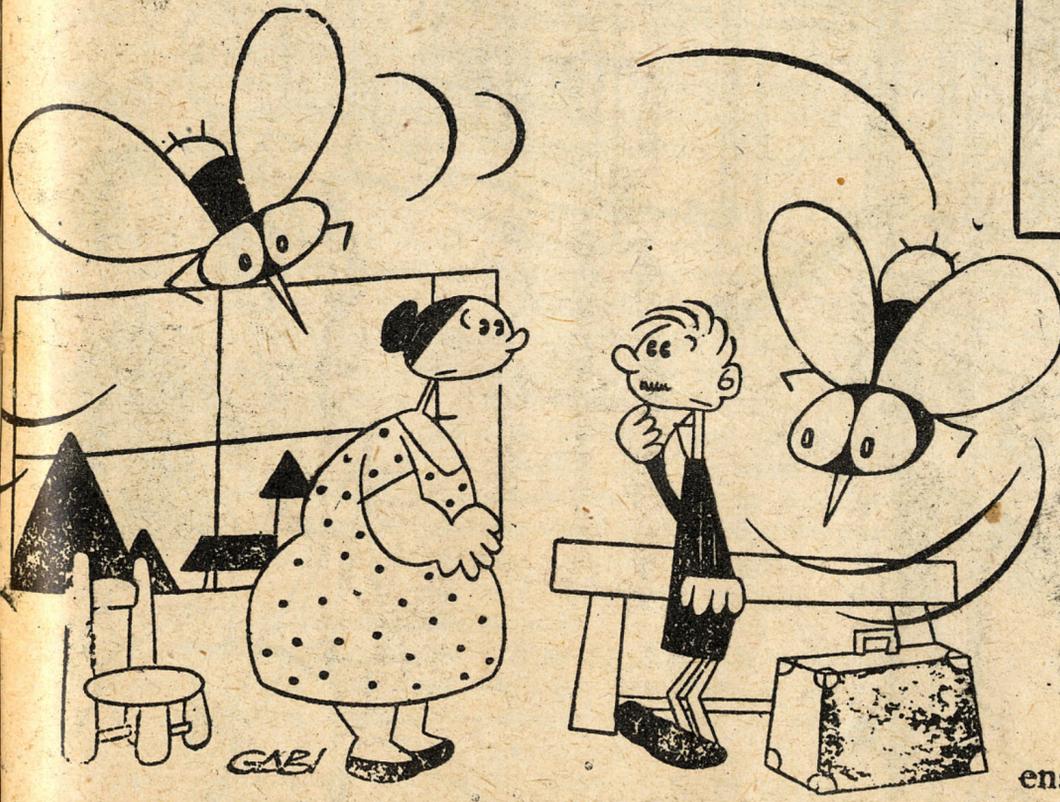
«Noé voltou ao Mundo», dizem o Villaret e o Ribeirinho. Entretanto os «Comediantes» continuam á beira de ir para o outro mundo. E é pena—porque o Villaret qualquer dia foge para o Brasil e lá ficamos nós a ver o Robles, o Mendonça de Carvalho, o Macieira e os outros génios cá da Terra.

O Chico Mata mais o Fraga fartaram-se de «chegar» no Vieira Pinto por causa do argumento do «Fado». E, afinal de contas, o Mata mais o Silva Tavares escreveram o argumento do «Ladrão, precisa-se», que teve de ser melhorado pelo Brum do Cato. E o Fraga, autor dum infeliz documentário feito em 1940, filmou agora, e mal, uns fados de que já vimos suficientes amostras... Estes rapazes são muito exigentes...

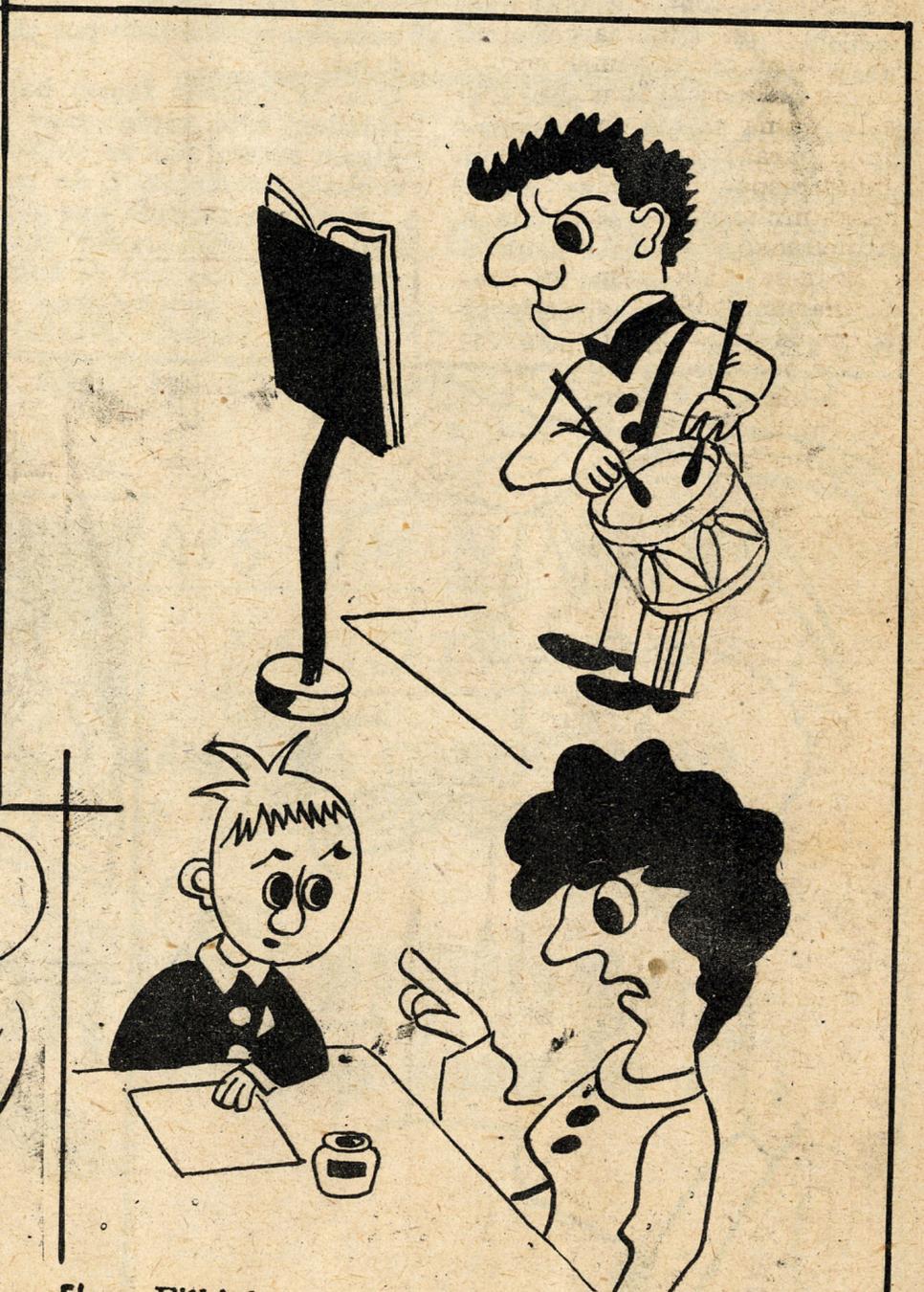
O Pelayo, autor dum livreco que não se vende, continua a não aparecer nos «meios». A lição ficou-lhe de emenda...

Aquela de o Virgílio Teixeira se ir estrear num teatro do West End parece mesmo pintura. Ou não será? Esta gente, quando vai ao estrangeiro, farta-se de ter imaginação...

Há quem diga que a Sara Rafael se vai estrear na Rádio. Mas também há quem diga que é mentira. Será mais uma vítima da doença do microfone? E a doença não sára, Sara?



— E esta não é como as outras aldeias, que estão cheias de moscas. Aqui só aparece uma ou duas, e acabou-se.



Ele: — Filhinho, não faças barulho porque o papá está ensaiando.

ESPINHOS

A minha amiguinha Maria Isabel é desiludida em matéria de amor.

Dos vinte namorados que teve num ano, nenhum sequer lhe deixou as rosas de uma bela recordação.

Todos, todos, lhe deixaram espinhos.

O primeiro foi um poeta, essa classe de «homens diferentes» que começam por despertar a nossa compaixão com seus versos magoados, sofredores, e acabam por nos tornarem descrentes com as suas mentiras bonitas...

Esse poeta era um moço pálido, chamado Parra, que vivia sempre distraído e só abandonava a sua apatia habitual para tirar do bolso um punhado de papéis e ler umas poesias que comoviam a gente e davam vontade de chorar...

Um dia, Maria Isabel descobriu que ela era a oitava inspiradora do poeta Parra: nada menos do que sete, antes dela, recebiam os seus louvores poéticos... E, justamente zangada, acabou o namoro com ele.

Descrente dos poetas, procurou o extremo oposto: um comerciante, um rapaz que possuía na vida um unico ideal: ganhar dinheiro.

Ora Maria Isabel é pobre, e Parvalheira, assim se chamava o comerciante, não tardou em a deixar, para se casar com uma velha, viuva, feia e estúpida, porém cheia daquilo com que se compram os melhores. E ainda teve o desplante de a convidar para o seu ca-

samento... com a rica viuva Otília...

No espaço de um ano teve toda a espécie de desilusões, e ainda por cima ganhou fama de leviana, por ter querido descobrir entre os homens o seu ideal...

Hoje, quando perguntam a sua opinião a respeito dos filhos de Adão, ela responde:

— Os melhores são os que nascem mortos!

E a sua amiga Zuca diz que ela tem razão. Homens...

Tiranos cruéis que por tanto tempo martirizam as mulheres, eles cometem as maiores asneiras e depois atiram a culpa sobre elas.

Conheço rapazes muito distintos que chegam a ficar etilizados — que horror, santo Deus! — e dizem que é por causa de uma desilusão amorosa.

Outros abandonam a família, os estudos, os interesses, e partem para longe. Outros ainda desaparecem. Muitos vão «assentar praça» sem nenhuma vocação para o militarismo.

Mas, pelo nome do Criador! Elas não mandam ninguém beber, desaparecer, ir-se embora, ou ser soldado por causa delas.

Que os homens façam barbaridades, está certo; mas que digam serem elas as culpadas, tenham paciência, é de mais!

Por isso entendo, que a Maria Isabel tem razão quando fala, a suspirar, que os homens são bons... para o fogo.

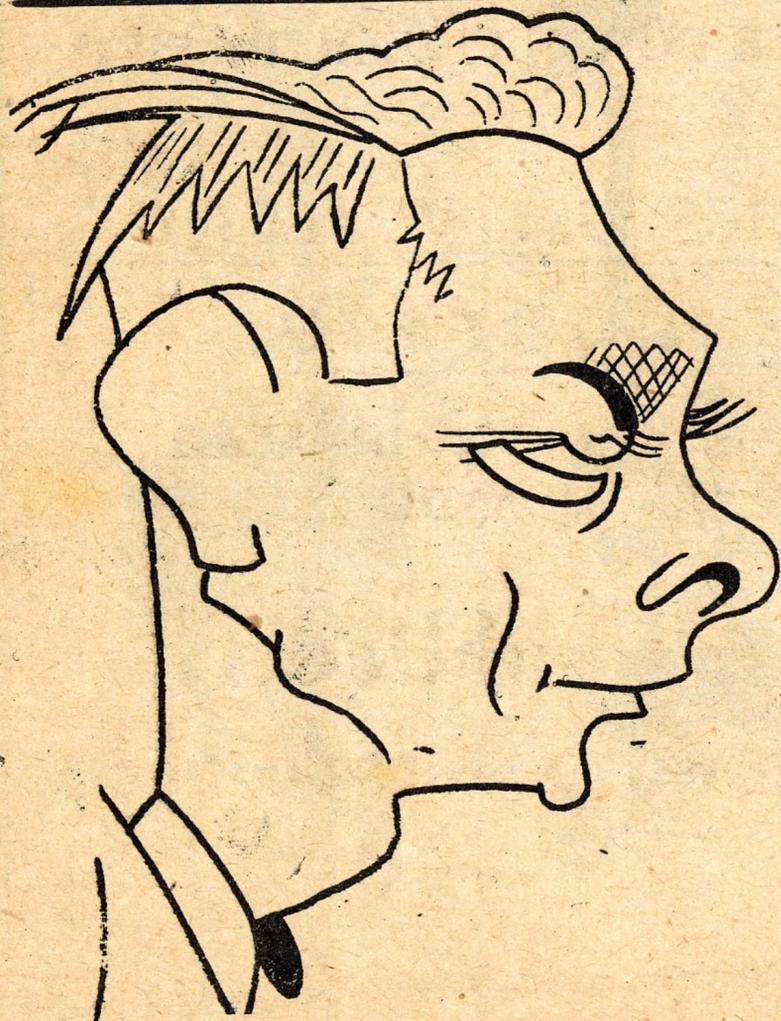
Não é verdade, Nécas?



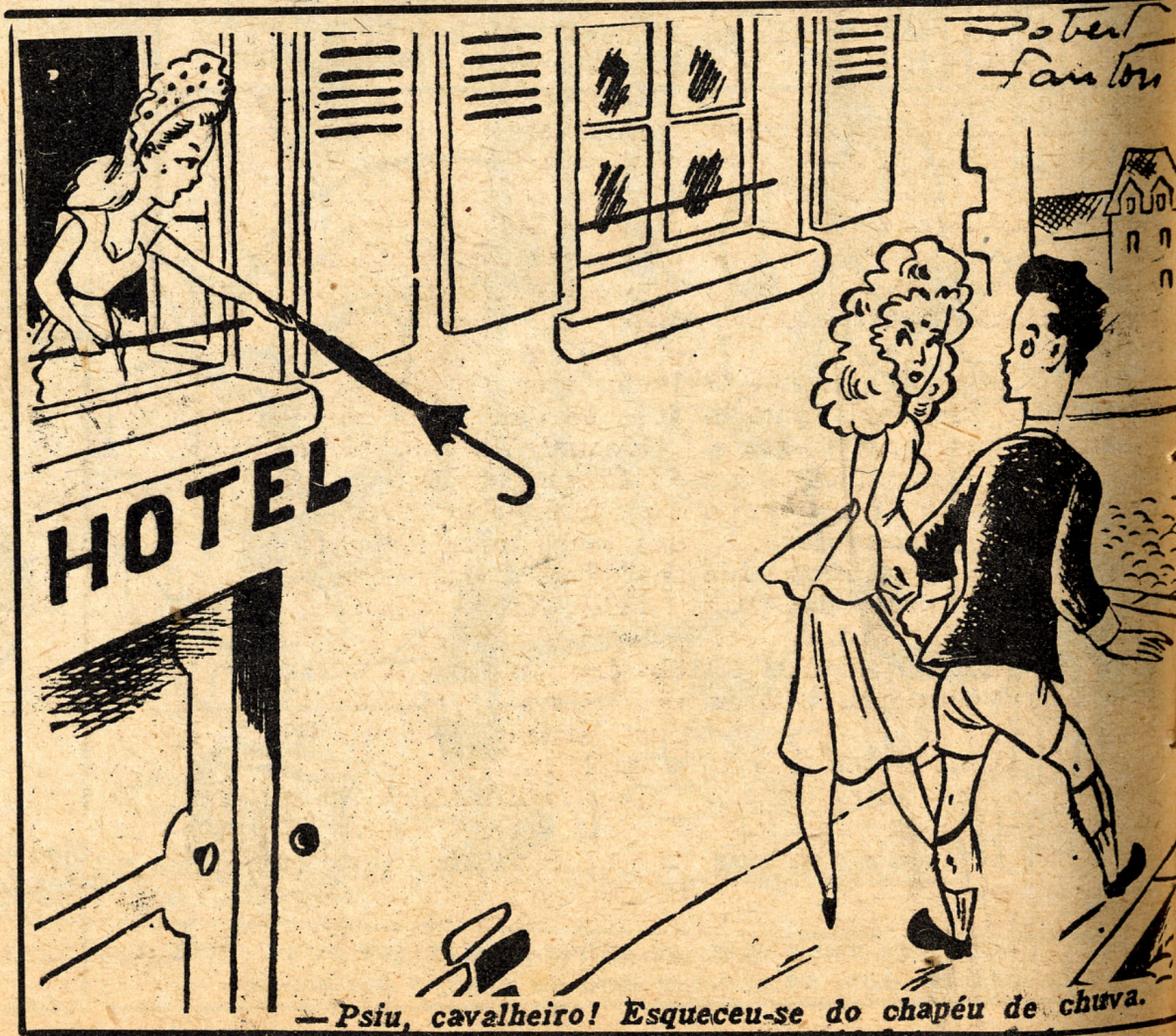
—Estarão eles a tocar a nona sinfonia?



René Caille. UM XÁ NADA CHALADO



JORGE VI, DE INGLATERRA
numa interpretação de Mário Norton
(Reprodução proibida)



—Psii, cavalheiro! Esqueceu-se do chapéu de chuva.

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

QUADRA N.º 75

Toquem sinos, dance a gente
Tudo alegre, como eu
Faz hoje um ano e um dia
Que a minha sogra morreu.

QUADRA N.º 76

Prendo todas as mulheres
Com o meu olhar febril
Basta fitá-las, sorrir
E algumas notas de mil.

QUADRA N.º 77

Caracol que vais descendo
Por essa parede acima
Nunca desças doutra forma
Porque me estragas a rima.
Henrique de Mainéis

QUADRA N.º 78

Vi dois Barbosas num carro
Qualquer deles esperto e astuto,
Enquanto um fumava cigarro
O outro fumava um charuto.

QUADRA N.º 79

Em popularidade iguais
A opinião é geral
É o Carlos dos jornais
Mais o «Riso Mundial».

QUADRA N.º 80

Mais uma agora que passa
A todos eu digo em suma
Minhas quadras têm graça
Por não ter graça nenhuma.
Carlos dos Jornais

QUADRA N.º 81

«Quis afogar a saudade
Em vinho muito carregado...
— Afoguei-me eu, e a saudade
Conseguiu salvar-se a nado...»
Zeca Xalote

QUADRA N.º 82

A minha sogra tem graça,
Tem piada sem rival,
Mas nunca chega á chalaça
Do «Riso Mundial».
Adriano C. Morais

QUADRA N.º 83

Ando na vida constante-
mente «escôvas» a vender,
mas já tenho duas de ante-
mão guardadas p'rf'ocer...
Tojalson

Aí vai a resposta

João Maria de Carvalho (Coimbra) — As suas quadras são um pouco desprovidas de graça. Continui... a fazer melhor.

Carlos Alberto Figueiredo & António Pinheiro — Os vossos originais escritos em cadernos escolares de 22 linhas são de pôr os cabelos em pé a um maluco! Tentem outro género... um pouco mais dramático.

Antero Nunes Moreira — O conto que nos envia para o concurso, tem muita graça, mas é muito comprido e um pouco imoralão. Teria muito gosto em o publicar, mas...

Quanto ás perguntas que faz, seria preciso um dia, para tanta explicação. Todavia, original publicado é original pago! Saúde, paciência e Saracinho!

José Luciano Santana Henriques (Loures) — O desenho que nos envia não é mau, mas, de momento, abarrotamos de bonecos!...

Fernando Marques — As suas anedotas têm um lara-100 % de graça!

chão! Brevemente serão publicadas! Parece-me que o conheço!... Você não é irmão dum tipo que é seu irmão?!

Delongo Rafael — Um abraço. Os versos continuam coxos stop seja persistente. Stop A' volta cá o espero... Livra!

Çagra Sida (Viseu) — Quando houver espaço, «Um doente» será publicado. Estimo as melhoras.

Carlos A. Perez (Viseu) — Pode fazer os bonecos á base dos que têm vindo no jornal.

Manuel António Machado da Costa (Montijo) — Toda a gente pode escrever... desde que tenha mãos, que não seja analfabeto e que tenha piada!

Zelik Kit — «Lamento» é publicável. Quanto á «Confissão dum poeta» é uma confissão muito comprida. Você tem bastante graça. Mande coisas!

Ruy de Almeida e Sousa — Os seus desenhos serão publicados. Embora o seu traço denote um pouco de fraqueza

intermuscular, as piadas têm



MAIS UM!...

Número extraordinário de

RISO MUNDIAL

DE 44 PÁGINAS

COMPLETAMENTE

GRÁTIS

PARA TODOS OS SEUS ASSINANTES
ESTARÁ ESPALHADO BREVE-
MENTE POR PORTUGAL INTEIRO

MAIS UM NÚMERO

ESGOTADO

MAIS UMA CONFIRMAÇÃO
DE QUE QUANDO

«Riso» publica...
todo o mundo ri!

